



GT 10. Antropologia das praticas esportivas e de lazer

Coordenador(es):

Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas)

Mariane da Silva Pisani (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Sessão 1 - Lazer e Sociabilidades

Debatedor/a: Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2 - Relações de Gênero e Etnografias

Debatedor/a: Mariane da Silva Pisani (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Sessão 3 - Corpo, performance e noções de pertencimento

Debatedor/a: Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas)

Este grupo de trabalho tem como proposta dar continuidade, ampliar e acrescentar novas reflexões realizadas nas reuniões anteriores da Reunión Antropológica del Mercosur (2001-2019) e Reunião Brasileira de Antropologia (2000-2018) nos grupos de antropologia dos esportes e do lazer. Ao se constituir como um espaço de diálogos, trocas e interlocuções, esse GT tem como objetivo reunir antropólogos (e demais cientistas sociais) que através de abordagens teórico-metodológicas diversas dedicam-se a compreender os esportes e os lazeres; suas práticas e saberes (de resistência ou cumplicidade) em um contexto que engloba o Brasil e parte da América do sul, marcado pelo crescimento do autoritarismo, conservadorismo na moral e costumes, e retrocessos em direitos, políticas públicas e sociais. Nessa perspectiva tem a intenção de acolher estudos que aprofundem e refinem os debates relativos aos esportes e lazeres em conjunção a temas como os das identidades raciais e étnicas, preconceitos sociais, sociabilidades, corporeidades, os estudos de gênero, sexualidade e erotismo, as estruturas de poder, as mídias tradicionais e as novas mídias, a ocupação de espaços urbanos e rurais, as lógicas das territorialidades e seus conflitos.

Fluxos do boxe olímpico contemporâneo ? relações entre arte, esporte e heroísmo

Autoria: Michel de Paula Soares (NAU)

A presente comunicação parte de uma etnografia entre boxeadores e seus respectivos espaços de engajamento cotidiano. O boxe ? prática corporal sócio-esportiva de combate com os punhos ? envolve uma emaranhada trama política-social, justapondo significados sobre racismo e violência, disciplina e sacrifício, cidades, mobilidades e fronteiras simbólicas. Nesse momento da pesquisa em andamento, interesse-me, particularmente, pelas equipes que recrutam, preparam e formam atletas olímpicos: suas pedagogias, práticas, controvérsias e reflexões sobre a própria atividade. Dois casos serão apresentados para incitar a discussão: (1) a equipe MM Boxe, situada na cidade de Rio Claro/SP, é pioneira na formação de atletas mulheres, atualizando uma tradição pedagógica cubana junto à militância antifascista de seu principal treinador, o ex-boxeador e mestre em História Social Breno Macedo; (2) a equipe The Oliveira Brothers, localizada em São Matheus, extremo sul de São Paulo, formou uma ?família de boxeadores? ao acolher e dar abrigo a 9 jovens atletas oriundos de outras regiões, principalmente do estado da Bahia. Relacionando passado, futuro, trajetórias familiares e sonhos, a equipe gerida por Pitu, filho do medalhista olímpico Servílio de Oliveira, permite reflexões sobre moradia e convivialidade, racismo e heroísmo. Partindo da compreensão do espaço urbano como historicamente planejado com o propósito segregacionista, busco inversões ou esgarçamentos dessa lógica de estado, a partir das formações de relacionalidades e arranjos coletivos de



meus comparsas boxeadores. Assim com raça é materializada nas configurações espaciais (Alves, 2011), o corpo boxeador é sempre forjado levando-se em conta uma virtualidade da situação de conflito, uma ontologia combativa (Mafeje, 2000), ou ser para a guerra (Clastres, 2004), como discutirei.



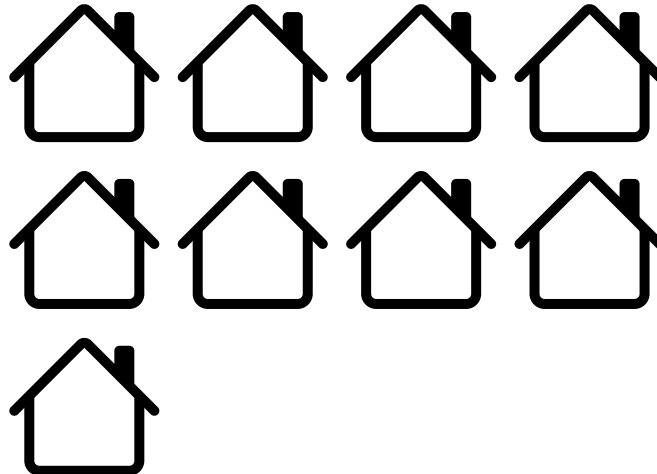
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: